
TEXTOS HISTÓRICOS

INTERVENÇÃO NO XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOTÉCNICA.

GEORGES FRIEDMANN

Texto original:

Friedmann, G. (1954). Intervention au XIème Congrès International de Psychotechnique (Psychologie appliquée), Section de psychologie du travail, Paris, 1953. *Le Travail Humain*, 17, 1-2, 39-40.

INTERVENCIÓN EN EL XI CONGRESO INTERNACIONAL DE PSICOTÉCNICA”.

INTERVENTION AU XIÈME CONGRÈS INTERNATIONAL DE PSYCHOTECHNIQUE.

SPEECH AT THE ELEVENTH INTERNATIONAL CONGRESS OF PSYCHOTECHNICS.

O Dr. Frisby sublinhou justamente, na conferência do Prof. Hearnshaw, que a obrigação, a imposição e a disciplina constituem a essência do trabalho, podendo este último ser definido, em última análise, como uma atividade em que intervém um elemento de imposição. Existe, evidentemente, uma grande variedade de imposições e não resulta automaticamente que uma atividade exercida nessas condições não possa comportar diversas formas de satisfação. Espero que a discussão permita retomar este assunto e, pela parte que me toca, salientarei na exposição do Sr. Hearnshaw, juntamente com alguns comentários, os seguintes pontos:

1.º É consensual que a conceção de uma psicologia industrial, que seria uma simples utilização de técnicas «aplicadas» à vida económica e, em especial, à vida industrial, é exígua e limitada. Há que salientar que as ciências do homem, que constituem as mais recentes, suscitaram analogias erradas com as ciências psicomatemáticas. Existiria uma psicologia aplicada à vida industrial, derivada da psicologia teórica, como existe, em relação à teoria física, uma termodinâmica e uma mecânica aplicadas, ou uma eletricidade industrial: conceção que, de resto, implica uma dicotomia arbitrária entre a teoria e a prática. Saliente-se, a este respeito, as confusões geradas pelo próprio termo «psicotécnica», que foi objeto de discussão no Congresso de Göteborg.

Para o Sr. Hearnshaw, que rejeita esta conceção, a psicologia industrial é uma ciência onde distingue 3 aspetos:

- (a) Um conjunto de fins e de princípios;
- (b) Um conjunto de conceitos teóricos;
- (c) Um corpo de técnicas.

Mas esta própria divisão, e talvez Sr. Hearnshaw pudesse salientá-lo, é didática e um pouco artificial no sentido de que a aplicação das técnicas, o respetivo desenvolvimento, a sua comprovação através da experiência repercutem-se constantemente nos conceitos teóricos, modelam-nos e modificam-nos numa incessante ação recíproca. Facto que J. M. LAHY muito bem expressou num artigo notável sobre higiene mental (*Hygiène mentale*) (dezembro de 1932), quando escreveu: «A psicologia aplicada ou psicotécnica não é senão a psicologia científica geral. Não só esta não difere da psicologia teórica, mas, fruto desta, ultrapassa-a, transforma-a e vai substituí-la como o produto da sua evolução necessária, como uma síntese da teoria com uma nova prática.»

2.º A psicologia industrial não pode ser uma coleção de aplicações e tal, no nosso entender, sobretudo porque o trabalho é uma realidade original, global, una, que não pode ser avaliada, absorvida, compreendida por pretensas «aplicações», dispersas de uma ciência «pura». Há que insistir aqui no caráter uno e complexo dos conteúdos do trabalho.

Independentemente da tarefa, observada concretamente nas oficinas, escritórios, estaleiros, na agricultura moderna, esta apresenta-se sob 5 aspetos ou características principais: técnica, fisiológica, psicológica, social e económica. Cada um destes aspetos expressa a mesma realidade vista sob diferentes ângulos e em toda a sua riqueza de conteúdo. As reações mentais de um operário, Paul, numa determinada oficina, no conjunto das suas tarefas quotidianas e, inversamente, o seu esforço para modelá-las de acordo com as suas características pessoais revelam, a propósito do que se convencionou denominar «aptidões», «dedicação laboral», «satisfação» ou «insatisfação» que não existe, indubitavelmente, um único problema relativo ao trabalho humano que seja meramente psicológico.

Explicam-se, desta forma, a relatividade e também determinadas deceções e erros do método dos testes que foi frequentemente aplicado na indústria ao longo dos últimos vinte anos. Explicam-se também, assim, a relatividade e as desilusões de vários estudos que visavam compreender os fenómenos do «tédio», da «monotonia», e mesmo a «fadiga», fenómenos que suscitam também, evidentemente, condições técnicas, económicas e sociais. As investigações em matéria de sociologia industrial confrontam-nos permanentemente com a inter-relação dos diversos aspetos do trabalho e revelam a necessidade de uma colaboração estreita de equipas de investigadores pertencentes às várias ciências dedicadas ao trabalho humano.

Por conseguinte, garantem-nos que qualquer «política da produtividade» que ignorava ou negligenciava esta inter-relação seja, mais tarde ou mais cedo, condenada ao fracasso. Permitam-me acrescentar, concordando com a Sra. PACAUD, que ela não merecia a colaboração de psicólogos industriais preocupados em não comprometer a respetiva atividade ao serviço de interesses particulares e de mantê-la num campo científico.

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO?

Friedmann, G. (1954). *Intervention au XIème Congrès International de Psychotechnique. Laboreal*, 11 (2), 84-85.